
Contestado: O Sagrado e o Profano de Uma Guerra Secular

Contestado War: The Sacred and Profane of a Secular War

Guerra Del Contestado: El Sagrado y Profano de una Guerra Secular

Nilson Cesar Fraga¹
Cleverson Gonçalves²
Mateus Galvão Cavatorta³

Recebido em 04/2017 – aceito em 07/2017.

RESUMO: A Guerra do Contestado ocorreu no início do século XX e foi um dos maiores conflitos da história do Brasil, porém é um fato ocultado pelo Estado Brasileiro e pelo estado do Paraná, é uma ferida aberta em ambos, e quando aborda-se o tema, é com preconceito, tratando os povos Caboclos como ignorantes e fanáticos religiosos. Fora da região envolvida com o combate pouco se dá importância ao tema, esse artigo não busca apontar os vilões e heróis, mas sim proporcionar uma reflexão sobre o tema, reflexões que partem mais do que um aspecto histórico, buscando análises através de elementos do sagrado e do profano que envolve-se com a Guerra. Conflito, que a mais de cem anos vem se alastrando em uma região marcada por uma forte desigualdade social.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Contestado; Messianismo; Sagrado.

ABSTRACT: *The Contestado War occurred in the early twentieth century and was one of the greatest conflicts in the history of Brazil, but is a fact concealed by the Brazilian State and the state of Paraná, is an open wound in both, and when it comes to the subject, is with prejudice, treating the Caboclos people as ignorant and religious fanatics. Outside the region involved in the battle, little importance is given to the subject. This paper does not aim to point out villains and heroes, but rather to provide a reflection about the theme, reflections that go beyond a historical aspects, seeking analysis through sacred and profane elements that are involved in the War. Conflict, which for more than a hundred years has been spreading in a region marked by a strong social inequality.*

KEY WORDS: *Contestado War; Messianism; Sacred.*

RESUMEN: *La Guerra del Contestado ocurrió a principios del siglo XX y fue uno de los mayores conflictos de la historia de Brasil, pero es un hecho ocultado por el Estado Brasileño y por el estado de Paraná, es una herida abierta en ambos, y cuando se aborda el tema, Es con prejuicio, tratando a los pueblos Caboclos como ignorantes y fanáticos religiosos. Fuera de la región involucrada con el combate poco se da importancia al tema. Este artículo no busca apuntar a los villanos y héroes, sino proporcionar una reflexión sobre el tema, reflexiones que parten más que un aspecto histórico, buscando análisis a través de elementos de lo sagrado y lo profano que se envuelve con la guerra, Conflicto, que a más de cien años se viene extendiendo en una región marcada por una fuerte desigualdad social.*

PALABRAS-CLAVE: *Guerra del Contestado; Mesianismo; Sagrado.*

INTRODUÇÃO

O início do século XX foi decisório para a formação dos estados de Santa Catarina e do Paraná, mais especificamente para a região Oeste de Santa Catarina, foi nesse período que ocorreu uma das maiores guerra do Brasil, conflito que envolveu os povos Caboclos, Estado brasileiro, Cia Lumber, Paraná, Santa Catarina e coronéis da região, conflito que perdurou por quatro anos e resultou na morte de milhares de pessoas.

Guerra que buscou exterminar os Caboclos, fazendo desses os vilões da história, sendo que esses são as principais vítimas de diversos golpes que receberam. E esses mesmo possuindo um exército inferior em questões de armas e treinamentos conseguiram resistir bravamente por quatro anos. Exército Caboclo que no início do conflito foi liderado pelo Monge José Maria, sendo esse também líder espiritual desse povo.

A Guerra do Contestado foi mais do que disputas territoriais, foi uma guerra em que os Caboclos buscavam manter-se vivos, buscavam preservar suas terras que era de onde tiravam o suficiente para viver. Com a chegada do grande capital, mudou-se a realidade do local, onde os caboclos moravam e plantavam seus alimentos, já não os mais pertenciam. Assim, inicia-se um processo que marcou profundamente a região e que ainda hoje mantem laços sobre essas terras, terras marcadas pela intensa desigualdade social.

Assim, com tamanha pobreza, os caboclos voltam-se na busca pelo que falta para si através do messianismo, acreditam que a solução dos seus problemas ocorrerá pelo sagrado, assim rezam para o Monge os curar e os abençoar, assim como fazia no passado.

Esse trabalho tem por objetivo trazer análises relacionada ao sincretismo religioso ocorridos no território caboclo do Contestado, e teve como objetivo análises e pesquisas bibliográficas que serviram de subsídios para a pesquisa assim como trabalhos de campos, onde realizou-se a observação, entrevistas semiestruturadas além da realização de fotografias.

Contestado: A guerra do passado e a guerra do presente

A cem anos uma guerra se desenrola em terras do Sul do Brasil, terra pretenciosa, que se diz a mais desenvolvida de um Estado tão heterogêneo, aliás, Estado esse diretamente relacionado com essa guerra centenária e que tanto custa a demorar para se findar. Uma guerra que gerou milhares de mortes durante os

combates oficiais e que ainda hoje gera mortes nos combates do dia-a-dia de uma região grafada com o sangue e exploração de um povo, povo sulista, mas que não são vistos e nem sentidos pelos seus conterrâneos, que os ignoram e que buscam esconder uma guerra tão grandiosa.

A guerra oficial ocorreu entre 1912 a 1916, e foi marcada pela forte resistência dos Caboclos, sendo que esse povo até nos dias atuais recebe o fruto do preconceito emanado e meticulosamente arquitetado para o aquietar, para que não cobre do Estado o que é seu de direito, fazendo-os sentirem como inferiores e causadores de uma guerra, mesmo eles sendo vítima. Vítimas do capital e vítimas de um Estado.

Contudo, durante a guerra oficial o povo Caboclo sabia exatamente o que queria, diferente da história promulgada pelo Estado, os Caboclos do Contestado não eram fanáticos religiosos que estavam em uma luta sem sentido, e sim, eram pessoas vendo suas terras sendo tiradas e suas vidas ameaçadas em prol do capital. Claro, a leitura Cabocla não seguia a mesma leitura acadêmica, pois eram na grande maioria analfabetos, mas que tinham um grande conhecimento do seu mundo, tanto que uniram-se com o objetivo de lutar por suas terras e por suas vidas, e conseguiram resistir contra o exército brasileiro, Fraga e Ludka (2013, p. 4), trazem que:

As forças militares, que estiveram no Contestado para impor a ordem e a lei, e afugentar bandos de fanáticos, em tarefa que parecia fácil, defrontaram-se com um verdadeiro exército rival, disciplinado, formado por gente hábil, destemida, idealista, conhecedora do terreno e dos segredos da natureza, que transformaram em pesadelos as investidas oficiais, ao aplicar táticas de guerrilha, envolvendo os soldados em mortíferas ciladas.

Motivados na busca pela permanência em suas terras, esse povo ficou no meio de um entrave para suas vidas, foi um fenômeno de ordem econômica e política que provocou profundas mudanças sociais na região oeste catarinense e, principalmente, para a população cabocla (AMADOR, 2010, p. 1), população que se viu no meio de disputas territoriais entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, além da entrada da companhia estadunidense Lumber que ganhou extensas faixas de terras em contrapartida a construção da Estrada de Ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul.

As disputas entre o Paraná e Santa Catarina foram motivadas por questões históricas, vindas dos tempos em que o Paraná ainda fazia parte do território político jurídico do estado de São Paulo, assim como afirma Fraga (2006, p.65) quando se desmembrou de São Paulo em 1853, o Paraná herdou um problema de limites que vinha se arrastando desde os tempos do Brasil colonial. Para os paranaenses, a nova

província limitava-se, ao sul, pelos rios Pelotas e Uruguai. Para os catarinenses, o Paraná terminava nos rios Negro e Iguaçu.

Não havia um consenso entre os governos dos estados de onde começava um estado e de onde terminava o outro, ambos alegavam que as terras onde atualmente integram o oeste catarinense pertenciam ao seu estado, como pode ser observado na figura 01.

Figura 01, Localização da Região envolvida no conflito.



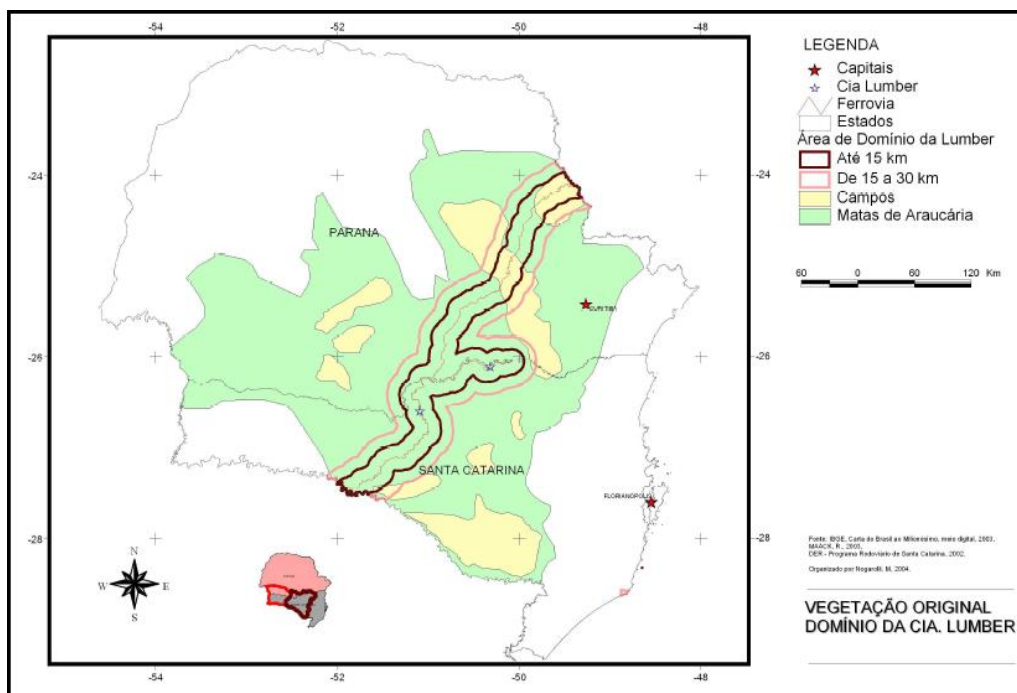
Fonte: Fraga (2013).

Esse interesse na região deriva da ganância em explorar a vasta floresta que havia no local, sendo a ânsia pela posse de tais terras aumentadas devido a Primeira Guerra Mundial, que ocorria nesse mesmo período, assim houve a necessidade de aumentar a exploração de madeira no mundo, isso abriu perspectivas para a comercialização do Pinheiro do Paraná, pois os preços da madeira subiram no mercado internacional em decorrência do conflito. (FRAGA, 2010, p.125).

No mesmo período executa-se o projeto da Estrada de Ferro que ligaria os estados de São Paulo ao Rio Grande do Sul, contudo, esse projeto vem para aumentar ainda mais a tensão na região, o contrato para construção da ferrovia estabeleceu que a empresa responsável pela empreitada – a *Brazil Railway Company* – teria direito a explorar as terras adjacentes à linha tronco, numa extensão de até quinze quilômetros para cada lado do leito da linha férrea. (TOMPOROSKI, 2013. p. 31), como pode ser visto na figura número 2. A extensão das terras cedidas a Luber

localizavam-se em terras onde tradicionalmente foram ocupadas pelo Caboclos, assim aquecendo ainda mais os ânimos na região.

Figura 02, Percurso da Estrada de Ferro e Domínio da Cia Lumber.



Fonte: Fraga (2006).

Assim como os estados do Paraná e de Santa Catarina, a Lumber interessava-se nas florestas que cobriam a região, pois:

Essas terras eram cobertas por milhões de pinheiros araucária, imbuías, canelas pretas, cedros e cabriúvas. Objetivando extrair e exportar esta madeira de alto valor econômico e, mais tarde, vender parte daquelas terras a imigrantes europeus, foi constituída uma subsidiária da *Brazil Railway Company*, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Em 1910, a *Lumber* instalou em Três Barras, então território paranaense contestado por Santa Catarina, uma moderna serraria. (TOMPOROSKI, 2013, p. 31)

Dando continuidade, Fraga trás que:

Tal fato – I Guerra Mundial (!) – havia sido razão para o estabelecimento de serrarias por parte da empresa que construiu a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, em Calmon e Três Barras. (...) Após a Guerra do Contestado, os empresários que passaram a se dedicar aos negócios de colonização também eram madeireiros, assim as terras adquiridas do governo, primeiramente eram exploradas e seus recursos florestais e, depois, vendidas em lotes aos colonos. (FRAGA, 2010, p. 125).

Esses dois fatos foram decisórios para dar o ponto inicial do conflito, pois em ambos, os Caboclos saíram com o resultado da desapropriação de suas terras, sendo

que essas terras foram cedidas aos coronéis da região, o conflito movimentou milhares de Caboclos, que desesperados para manter-se vivos uniram-se, assim:

Os caboclos expulsos das terras passaram a viver em acampamentos ou redutos, como eram chamados esses locais, e sob a liderança de uma personalidade religiosa denominada de Monge, na época do conflito – José Maria. Com o tempo, foram expulsos dos redutos pelos coronéis, que em conluio com as forças econômicas e governamentais apropriaram-se das terras. Além da agressão que se dá com a retirada da terra e a consequente expulsão do caboclo, à base de muita violência, evidencia-se também uma imposição de valores alheios ao modo de vida do caboclo e que está de acordo com a lógica do desenvolvimento capitalista. (AMADOR, 2010, p. 3).

Assim dá-se início a Guerra do Contestado, a maior guerra civil camponesa da história do Brasil, com o resultado de milhares de mortos, essa guerra é ocultada pelo Estado brasileiro e também pelo estado do Paraná, segundo Fraga e Ludka (2012, p. 10):

No lado paranaense, o Contestado e sua complexidade se mantiveram e se mantêm escondidos, e são pouco difundidos, na formação cultural do Estado. A Guerra do Contestado não é “trabalhada” pelo Estado como elemento cultural identificador de pertencimento, apenas em raros casos pela Secretaria de Cultura. A educação no Estado não explicita o tema como política educacional e formadora.

Não convém ao Estado brasileiro explicitar uma guerra em que ele foi um dos causadores de milhares de mortes, não convém e ainda é incomodo para o Paraná aceitar a perda, assim ignora-se uma guerra tão grandiosa, onde os Caboclos resistiram bravamente contra um exercito profissional por quatro anos.

Atualmente a Guerra do Contestado não deixou de existir, de forma mascarada ela está presente na região, registros da guerra comumente é encontrado pelos terrenos montanhoso, mas esses não são os principais elementos que demonstram que uma guerra ainda existe. A região do Contestado apresenta os piores índices em questões sociais e econômicas do estado de Santa Catarina, a pobreza é nítida ao andar pelas cidades da região, sendo uma ou outra que destoam, e ainda assim não apresentam os mesmos níveis sociais e econômicos de cidades de outras regiões do estado, como do litoral e da serra.

A concentração fundiária e de renda na região é alarmante, e grande parte dos latifundiários não moram na região, apenas tem seus latifúndios na região, além das terras que pertencem a grandes empresas madeireiras, que exploram a terra e levam a riqueza para longe da região. Grande parte do dinheiro gerado em terras do Contestado é direcionado a cidades de grande porte, como Curitiba e Florianópolis.

A região outrora Contestada e que viveu quatro longos anos de Guerra Civil Camponesa vive hoje composta por grande parcela da população na pobreza e na miséria. Os plantios de pinus, principal fonte de renda da atualidade no Contestado, ocuparam o espaço das matas dos pinhais, das centenárias araucárias usadas como pontos de referência dos rebeldes e seus descendentes. (FRAGA e LUDKA, 2012, p. 11).

O pinus aos poucos vai tomando conta de todos os terrenos, sufocando as demais culturas agrícolas, ora por força do capital, ora por sua serapilheira que impede o crescimento de qualquer planta embaixo das árvores. A infraestrutura viária da região é precária e o intenso fluxo de caminhões de transporte de madeira danifica ainda mais as vias. Comumente é visto ao andar pelas estradas do meio rural caminhões com carga de madeiras, assim como é visto na imagem 03, além, de que o plantio, manejo e corte dos pinus vem cada vez menos gerando empregos, isso devido o processo de modernização do processo.

Imagem 03, Caminhão sendo carregado com troncos de pinus.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor.

Atualmente a concentração de renda essa, que gerou um índice de pobreza que varia de 20% a 44% da população residente na Região do Contestado. A situação só não se agrava, devido à políticas públicas federais de transferência de renda, o que evita que muitas pessoas passem fome, pois o Bolsa Família é muitas vezes a única fonte de renda. (LUDKA e FRAGA, 2015), e como já mencionado, a oferta de empregos vem caindo substancialmente, principalmente pela modernização do cultivo de pinus.

Segundo o IBGE (2010), 13 municípios da região possuem uma porcentagem superior de 30% da população consideradas como pobres, sendo que Calmon e Timbó Grande, ambas com mais de 40% da população nessa situação, Theis e

Burzke, (2010, p. 261) trazem uma reflexão sobre isso, e de como o estado de Santa Catarina acentua ainda mais essa mazela.

O planejamento em Santa Catarina acentua o desenvolvimento desigual. A contribuição do governo de Santa Catarina se sobrepõe, quase anulando, a contribuição das instituições regionais ao planejamento. Na relação que se estabelece entre as escalas, a estadual e a regional, constata-se o domínio da esfera do Estado e a inserção desigual das instituições regionais no processo de planejamento. No âmbito das instituições regionais a sua relação com as regiões, percebe-se mais uma tendência de acirramento da competição e, conseqüentemente, de aumento do desenvolvimento desigual, do que propriamente um esforço coletivo e articulado visando a superação das disparidades regionais.

O Contestado hoje é vítima de sua invisibilidade, vítima da ganância do capital no passado e no presente, seu povo sofre a cem anos com uma guerra que custa a acabar, aqui não fala-se de batalhas armamentistas, mas de batalhas do dia-a-dia, da dificuldade imposta aos moradores pela falta de infraestrutura e de políticas públicas que possam vir a colaborar no processo de desenvolvimento da região. Enquanto isso, o povo caboclo apegar-se a fé e na esperança de que a guerra do dia-a-dia tenha o seu cessar fogo, e que na serra da Boa Esperança verta água e mel, assim como o Monge José Maria proferiu, monge esse um dos principais personagens da guerra, dando um caráter sagrado e messiânico ao Contestado, e que será abordado a seguir.

A guerra sagrada e um povo de fé

O contestado foi/é mais do que o palco de uma sanguinária guerra, é uma terra com identidade, que mantém seus laços culturais entre a região, assim dando um aspecto de unidade regional, principalmente mais ao norte do estado. Grande parte desse aspecto cultural começa a ser talhado no período pré e durante a guerra, nesse caso, principalmente no aspecto religioso, aqui concorda-se com Costa (2013, p.1), quando afirma-se que o espaço que se inscreve na vida dos homens é constituído de vários aspectos sejam eles materiais, sociais ou simbólicos. Esse espaço é transformado pela cultura e, pode ser expresso através das práticas religiosas que dominam um determinado lugar, na mesma vertente:

A organização dos lugares sagrados é estabelecida pelas formas que singularizam e também pelos ritos que são ordenados em um complexo de operações simbólicas. A fronteira que delimita o sagrado anuncia o lugar da adoração e onde se efetua o rito sacrificial, é também o encontro entre o homem e os seus deuses. O lugar sagrado é um mundo pleno de significados, sendo também um espaço mítico que responde com sentimento e imaginação às necessidades humanas fundamentais. (Costa, 2013. p. 5).

E isso é nítido na região do Contestado, as maiores necessidades da população da região são nítidas nos lugares sagrados, principalmente nas grutas do Monge, onde levam folhas de couve e vestimentas de doentes, assim pedindo para que o Monge sacie sua fome e sare as patologias das pessoas ali representadas, assim consegue-se ter maiores noções de como a pobreza e a falta de infraestrutura da região é gritante. Para Costa (2013 apud RUBENSTEIN e BACON, 1983), existem dois tipos de lugares que podem ser dotados de uma sacralidade, aqueles que possuem características físicas tais como rios, lagos, montanhas, rochas e outros cujos elementos da natureza se associam às práticas humanas, sejam elas no contexto dos rituais, sejam no processo de organização espacial, tais como assentamentos, formação de núcleos urbanos associados à prática religiosa, na região do Contestado, melhor adequa-se a primeira característica, onde a água é tratada como sagrada, as águas que vertem das grutas do Monge e a lama derivada da mistura da água com o solo são considerados como santificados, que podem trazer a cura ou o milagre em que a pessoa está necessitando, as grutas são distribuídas por onde o monge passou, sempre próximas de povoados pobres e sobre uma mina d'água, que segundo os Caboclos essa água vertia onde o Monge dormia, um exemplo de gruta do monge pode ser visto na figura 04.

Figura 04, Gruta do Monge no município de Matos Costas



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor.

É uma questão de messianismo, onde o povo espera pelo seu messias, que virá e os salvarão da fome e das doenças, segundo Rossi (2002, apud BATISDE, 1970), a concepção de messianismo na atualidade, possui relações intrínsecas e exclusivas com os agrupamentos humanos em estado de pobreza de mais diversos níveis, para ele a relação entre o messianismo e a fome é subproduto do subdesenvolvimento.

Assim, o messianismo não ficou exclusivo nos tempos de guerra, quando o Monge previu sua morte e profetizou que iria ressuscitar na Serra da Boa Esperança, e lá estaria com o exército santo de São Sebastião para salvar os Caboclos do exército brasileiro. O messianismo ainda está presente no Contestado, espera-se que o Monge salve as pessoas da miséria e da fome, ele ainda é a esperança contra a violência silenciada pelo Estado. Para Feldhaus (2013, p.) mais do que um simples aspecto legitimador, a dimensão religiosa e mística foi um dos aspectos que moveu todo um povo à luta contra as injustiças, por direitos, reconhecimento. Esses aspectos religiosos se fazem presentes na região do Contestado.

Lutaram contra as injustiças liderados pelo Monge José Maria, um dos três monges que passaram pelo Contestado, Tonon (2008, p. 18), trás que os monges, autodenominados de profetas, inseridos num contexto onde se operavam significativas mudanças de ordem econômica, política e social, dirigem-se aos sertanejos aconselhando-os nas virtudes pautadas na ética, fé e esperança de um novo mundo, idealizado. Ambos os monges não eram e ainda são renegados pelo catolicismo romano oficial, eles foram e são integrantes de um catolicismo rústico, esse mistura uma mistura de credices populares com o rito do catolicismo romano, assim:

Tanto o aspecto místico como o de resistência podem ser percebidos em inúmeros momentos da luta do Contestado, tais como: em vez de os caboclos e caboclas simplesmente aceitarem ou se submeterem ao batismo tradicional da igreja, optaram pelo batismo de João Maria; em vez de aceitarem passivamente o espírito individualista e liberal-capitalista, preferiram se organizar em redutos, cujo sistema era comunitarista-cristão; em vez de se submeterem à ciência que dava legitimidade aos donos do poder econômico e religioso, preferiram seguir os —comandos do alémll, oferecidos pelos meninos e especialmente pelas meninas virgens-videntes; ao invés de se conformarem com a realidade vigente e se submeterem ao poder bélico dos militares e dos governos deste mundo, levantaram a bandeira do divino, de uma —terra sem malesll, de uma —cidade santall e preferiram seguir as intuições e as visões resgatadas desde os seus ancestrais, santos, divindades e monges, depositando neles a sua esperança. (FELDHAUS, 2013. p. 20)

Hoje o sagrado e o profano (para o catolicismo oficial), dão os primeiros passos para romper com o preconceito em relação aos ensinamentos dos Monges, aceita-se símbolos de um catolicismo rústico em ambientes sagrados, como pode ser visto na figura 05, onde percebe-se a cruz chanfrada (um dos símbolos do Contestado) em cima de uma igreja católica, e também a imagem do Monge São João Maria em frente a principal igreja da cidade de Lebon Regis, SC.

Figura 05, Símbolos do Catolicismo Oficial e Rústico no mesmo local.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor.

Os três monges que passaram pela região do Contestado foram marcados por suas características distintas, contudo:

Para os sertanejos há apenas um monge: São João Maria. As diferentes origens dos profetas andarilhos, a presença em locais e épocas distintas, as semelhanças no vestir e pregar projeta no imaginário dos devotos à identidade única (...) a vida itinerante dos mensageiros, enunciações proféticas e pregações muito similares. Semelhança física entre João Maria D'Agostinis e João Maria de Agostinho. A apresentação homônima e imposição dos mensageiros como sucessores, provocando incertezas no imaginário dos sertanejos, na distinção e identificação das diferenças, assim surge o mito dos três monges, fundidos num só. (TONON, 2008, p. 94).

Porém, cada monge teve seu papel e sua característica no Contestado, o primeiro monge foi João Maria D'Agostinis, vindo da Itália, esse pregador da palavra de Deus e mensageiro de múltiplas crenças, o segundo, o monge São João Maria de Jesus era pregador e homeopata e já o terceiro, Monge José Maria de Santo Agostinho, com cunho mais político e informante de novidades, esse atuou de forma direta na guerra, sendo o principal líder dos Caboclos. Mas é difícil enquadrar cada um dos monges, pois cada um confunde-se entre si, para os Caboclos existe apenas um monge, que some e reaparece quando necessário, sumindo um vem outro, um outro que é o mesmo, e, quando não existe mais João Maria nenhum, aparece um José Maria, que é o João Maria com outra cara. (TONON apud STULEZER, 1982, p.39).

O único dos Monges que se sabe com exatidão como morreu foi o Monge José Maria, esse morreu na batalha do Irani em 1912, lutado ao lado dos Caboclos e contra

o exercito brasileiro, hoje no local onde José Maria morreu há apenas um cruz e algumas rochas simbolizando o local de sua morte – ver figura 06- , contudo é um local profano, não desperta o interesse no sagrado, isso, pois ali morreu o homem biológico, que o mesmo profetizou que morreria naquele dia e ressuscitaria tempos depois na Serra da Boa Esperança, como já mencionado anteriormente.

Figura 06, Local onde morreu o Monge José Maria.



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor.

Após a morte de José Maria, a liderança do Contestado foi assumida por Maria Rosa, uma das virgens do Monge, segundo Tonon (2012, s/p):

Mesmo vivendo sob acentuado domínio patriarcal, muitas mulheres desempenharam papéis importantes no movimento do Contestado. A começar pelas “virgens”. O monge José Maria se fazia acompanhar de um séquito delas para auxiliá-lo nas rezas, nas pregações e no preparo de chás homeopáticos. As “virgens” eram escolhidas por ele e pelas lideranças dos Redutos – ou Cidades Santas – entre aquelas que manifestavam piedade e pureza de alma. Não precisavam ser virgens no sentido biológico, pois havia entre elas mulheres casadas. Mas as que mais se destacaram eram adolescentes. A proximidade com o monge lhes dava respeitabilidade e poder junto à comunidade. Na ausência do líder religioso, assumiam o papel de videntes.

Assim, as virgens além de líderes sociais, eram as líderes religiosas, tendo dons espirituais cedidos e o conhecimento transmitido pelo Monge, para Silva (2010, p. 58) “para os sertanejos, a “Virgem” era considerada uma santa e que ela “tudo sabia”. Para eles Maria Rosa representava com fidelidade a vontade do Monge e por isso tinha o poder de destituir, designar e sentenciar” Ainda na mesma vertente:

As “Virgens” eram possuidoras de poder e influência sob os sertanejos e o mundo mítico, uma vez que se tornaram representantes do poder e da inspiração divina e estabeleciam um elo

entre o “mundo encantado” e o mundo dos sertanejos. O Messianismo existente no Movimento nos permite avaliar a participação delas no Movimento. (SILVA, 2010, p.60).

Tanto as virgens, como as grutas e principalmente os monges são elementos e personagens que trazem uma complexidade a Guerra do Contestado, onde política, condições sociais, econômica e religiosa se entrelaçam em uma gama de processos que abrem um leque de análise sobre a guerra infinita.

Hoje, a Guerra continua e o messianismo também e:

A região do Contestado para o caboclo representa a ligação do homem com a sua terra, pois ela era a genitora da vida humana, de onde os caboclos tiravam seu sustento e onde faziam seus berços para neles repousarem. É também uma imagem que foi socialmente construída pela religião popular de uma terra abençoada, pois foi naquele local onde o Monge espalhou sua “doutrina” abençoando e apaziguando tantos caboclos necessitados de um consolo espiritual. (FELDHAUS, 2013. p. 13).

O sagrado e o profano continuarão nessa relação, as buscas por milagres e respostas do povo Caboclo alimentam o messianismo, e a invisibilidade e inadimplência estatal em relação a região do Contestado surge como principal ponto para a pobreza do local, romper com o silêncio e com a estática do tema vem a colaborar com o desenvolvimento da região, buscando desmistificar as inverdades e procurando elevar o autoestima da população que habita a região, população de decentes de sobreviventes de uma Guerra e que mantém aceso em sua cultura um Contestado vivo.

Considerações Finais

A análise aplicada sobre esse tema teve como base pesquisas documentais e bibliográficas, são análises que não englobam uma totalidade da Guerra, mas apontam algumas possibilidades de verificações, entre o *in loco* e o parco marco teórico sobre a Guerra do Contestado. Esse artigo procurou explorar análises históricas e de aspectos sagrados e profanos envolvidos diretamente com o conflito, claro, não limita-se a Guerra do Contestado a isso, até porque ela é resultado de um processo muito maior, de uma conjuntura política, econômica e cultural que predominava na época, cuja matriz de pensamento, acredita-se seguir até os dias atuais.

O conflito resultou em milhares de mortes entre soldados do exército brasileiro e Caboclos, porém apenas as mortes dos oficiais com patentes elevadas tiveram um funeral digno e humano, isso devido ao preconceito com que se tinha e ainda têm em relação aos Caboclos, por vezes tratados como ignorantes e simples

fanáticos religiosos, também o preconceito pelos soldados de baixo escalão do exército, esses na grande maioria negros ou povos caboclos de outras partes do Brasil.

A história contada lança sobre os caboclos a culpa pelo conflito, mas sabe-se que esses são as verdadeiras vítimas. Mas, é a história contada pelos vencedores, e esses são hoje os grandes proprietários de terra ou os grandes empresários da região, é o Estado brasileiro que apresentam, ainda, receios ao abordar o tema, pois sabem que suas mãos estão sujas de sangue de inocentes.

Uma dos principais motivos para a cobiça das terras caboclas era a exploração da floresta, essa rica em madeira e erva-mate. Hoje a região do Contestado é considerada como uma das regiões mais pobres do sul brasileiro, apresentando intensa desigualdade social em praticamente todos os municípios, alguns desses inclusive possuindo os mais baixos índices estaduais. Esses dados caracterizam-se por fatores tais como a concentração fundiária, a concentração de renda, a violência, a falta de infraestrutura, impossibilidade de geração de trabalho, renda e riqueza para um grupo maior de cidadãos.

Diante desses intensos entraves para o desenvolvimento regional, a pobreza se destaca, e assim, diante de tantas dificuldades as pessoas apegam-se a fé, na busca por dias melhores, onde não falte alimento e nem paz. Messianismo, que vem desde os tempos da Guerra, quando a última esperança dos Caboclos era a ressurreição do Monge José Maria, e que este traria o exército de São Sebastião para lutar ao lado desse povo.

Hoje, a questão do sagrado permanece na região, as grutas do monge ainda não lugares de refúgio para os problemas pessoais, onde as pessoas trazem suas rezas e crendices sempre buscando aquilo o que o Estado renega-os a cem anos, que é uma vida tranquila.

Referências

AMADOR, Milton Cleber Pereira. **Guerra do Contestado**: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense, Cadernos do CEOM, Chapecó Ano 22, n. 31, 2010.

COSTA, Otaviano José Lemos. **Canindé e Quixadá**: Construção e representação de dois lugares sagrados no sertão cearense. Rio de Janeiro. UFRJ. (Tese de Doutorado em Geografia), 2013.

FELDHaus, F. O conflito do contestado como espaço de representação do sagrado: dos monges ao ícone São João Maria. Revista Raega, Curitiba, V. 27, p. 204 – 233, 2013.

FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria. **Anulação do mundo livre do Contestado**: O caso do território e da identidade do município de Bela Vista do Toldo, SC. REVISTA GEONORTE, Manaus, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.651-663, 2013.

FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria, 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): Uma análise dos efeitos sobre o território Sul-Brasileiro. In: XII Colóquio Internacional de Geocrítica. 2012, Bogotá. **Anais..** 2012, p. 01 -18.

FRAGA, Nilson. Cesar. **Vale da Morte**: O Contestado visto e sentido. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

FRAGA, Nilson. Cesar. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado**: uma abordagem acerca da Formação Territorial no Sul do Brasil. Curitiba, PR: UFPR (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), 2006.

; LUDKA, Vanessa Maria ; FRAGA, Nilson Cesar. Fome e pobreza na região do Contestado catarinense: Conflitos do desenvolvimento no sul do Brasil. In: XI Encontro Nacional da ANPEGE, 2015, Presidente Prudente, **Anais..** 2015. p. 1- 12.

ROSSI, Luiz Alexandre. **Messianismo e Modernidade**: Repensando o messianismo a partir das vítimas. São Paulo, PAULUS. 2002.

SILVA. Natália Ferronato da. **As “Virgens Messiânicas”**: participação e influência das “Virgens” Teodora e Maria Rosa no Contestado (1912-1916). Revista Santa Catarina em História – Florianópolis,, v.1, n.1, 2010.

THEIS, I. M; BURZKE, L. **Planejamento e desenvolvimento desigual em Santa Catarina**. In: FIRKOWSKI, O. L. C. F. (Org.). Transformações Territoriais: experiências e desafios. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010, p. 243-265.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **O polvo e seus tentáculos**: A Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. Florianópolis, SC: UFSC (Tese de Doutorado em História), 2013.

TONON, Eloy. **Os Monges do Contestado**: Permanências históricas de longa duração das predições e rituais no imaginário coletivo. Niterói, UFF (Tese de Doutorado em História), 2008.

TONON, Eloy. **Virgens, videntes, guerreiras**. Centenário do movimento do Contestado. Revista de Historia. Kaygangue, 2012. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/virgens-videntes-guerreiras>> Acesso, 01 fev, 2017.

¹ Nilson Cesar Fraga – Doutor em Geografia, Professor Adjunto do Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380, s/n - Campus Universitário, Londrina - PR, 86057-970, nilsoncesarfraga@hotmail.com

² Cleverson Gonçalves - Doutorando em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380, s/n - Campus Universitário, Londrina - PR, 86057-970, kevo_goncalves@hotmail.com

³ Mateus Galvão Cavatorta - Graduando em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380, s/n - Campus Universitário, Londrina - PR, 86057-970, mateuscavatorta@hotmail.com